

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS
A GUERRA NO CINEMA (PARTE III): PARA ALÉM DO CAMPO DE
BATALHA
27 de Novembro de 2023

KIRMES / 1960
(“Quermesse”)

Um filme de Wolfgang Staudte

Realização: Wolfgang Staudte / Argumento: Wolfgang Staudte, baseado num história de Claus Hubalek / Direcção de Fotografia: Georg Krause / Direcção Artística: Olaf Ivens e Ellen Schmit / Guarda-Roupa: Anneliese Ludwig / Música: Werner Pohl / Som: Hans Ebel / Montagem: Lilian Seng / Interpretação: Götz George (Robert Mertens), Juliette Mayniel (Annette), Hans Mahnke (Paul Mertens), Wolfgang Reichmann (Georg Hochert), Manja Behrens (Martha Mertens), Fritz Schmiedel (o Padre), Erica Schramm (Eva Schumann), Elisabeth Goedel, Benno Hoffmann, Irmgard Kleber, etc.

Produção: Freie Film / Produtores: Harald Braun, Helmut Kautner e Wolfgang Staudte / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em alemão e legendada electronicamente em português / Duração: 102 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Embora tenha principiado a sua carreira ainda nos 30, foi no pós-guerra que Wolfgang Staudte ganhou fama e estatuto, tendo logo em 1946, com **Die Mörder Sind Unter Uns** (“Os Assassinos Estão Entre Nós”, o título que Fritz Lang teria inicialmente pensado para o filme que se veio a chamar **M**), começado a notabilizar-se como um dos mais relevantes cineastas da “nova Alemanha” nascida das cinzas do III Reich e disposta a ajustar contas com a sua história recente. Quinze anos depois do fim da guerra é ainda disso que se trata em **Kirmes**, filme que associou Staudte a dois outros nomes significativos do cinema alemão deste período, Helmut Kautner e Harald Braun (que com ele co-produziram o filme).

Há um lado extremamente punitivo em **Kirmes**, quanto mais não seja pelo mergulho nos tempos finais do nazismo (temos mesmo direito a um pequeno arremedo daquelas clássicas “orgias terminais” entre os representantes locais do partido, que se vem a revelar ser um pouco prematura) e nas últimas semanas da guerra. Mais cruel e punitivo será o móbil desse mergulho. Na época contemporânea do filme, com os alemães (os ocidentais, bem entendido) tornados “filhos de Adenauer e da Coca Cola” (como o indicam os cartazes da breve sequência inicial de pré-genérico), e durante os preparativos para uma quermesse na aldeia, descobre-se um cadáver embalado num saco de plástico. É uma “reliquia” da guerra, evidentemente, e aquilo a que em linguagem psicanalítica (não totalmente despropositada neste caso) se chamaria um regresso do recalçado. E o “recalçado” aqui é tanto a época nazi como o papel que cada um desempenhou durante ela. No fundo, todos sabem imediatamente que cadáver é aquele – o de um jovem soldado da Wehrmacht, que nos últimos meses da guerra

desertou e se veio esconder na aldeia natal. Estruturar o filme num flash-back para contar a sua história, no fundo tão previsível, é sobretudo uma forma de enunciar a cadeia local de relações de poder no tempo do nazismo, de averiguar as coragens e cobardias (sempre relativas em todos os casos, dos pais ao padre que a medo o deixa albergar-se na igreja) daqueles que o protegeram mas não o suficiente para o impedir de acabar a vida como cordeiro sacrificial – como veremos no fim, Robert (o soldado) tem plena consciência de que só há uma solução, e que ou vive ele ou vive a aldeia, e age em conformidade com essa noção.

Voltar ao passado é também registar as permanências, aquilo que continua sob uma mera aparência de mudança. Na galeria de personagens de **Kirmes** pontifica a de Hochert (o actor Wolfgang Reichmann), agora edil da aldeia e anteriormente, como o início do flash-back revela quase como um choque, o máximo representante local do partido nazi. É um comentário bastante cínico, e em 1960 por certo ainda bastante ousado, sobre a “reformação” dos antigos nazis na Alemanha ocidental (embora não falem histórias sobre “reformações” semelhantes no lado oriental). Staudte constrói algumas sequências bem conseguidas a partir do ponto de tensão criado pelo segredo que une todos ou quase todos os habitantes da aldeia, e que está sempre na iminência de ser descoberto pelo desconfiado Hochert (por exemplo, o jantar). A personagem de Robert, quase sempre na sombra, só sai para a luz – literalmente – naqueles momentos, os mais bonitos do filme, em que um boato sobre a iminente chegada do exército americano leva todos a esconderem-se ou abandoná-la. Respira-se nessas cenas, e através da relação dele com a criada Annette (uma miúda francesa saída de um campo de prisioneiros, havendo mais do que uma sugestão de como o conseguiu), uma atmosfera próxima daquela franqueza e liberdade (juvenilmente eróticas, por assim dizer) de alguns dos melhores exemplos dos cinemas novos (*nouvelle vague* à cabeça) que na época despontavam, e talvez não haja melhor expressão do alívio (ainda que precipitado) pelo fim da guerra do que o momento em que rasgam o cartaz com as ordens de Hitler sobre o destino a dar aos desertores.

Quanto à moral da história, que é como quem diz quanto ao que Staudte quer exprimir, é muito provavelmente como Jean Douchet escreveu nas páginas da revista *Arts* em 1960, quando **Kirmes** integrou a selecção do Festival de Veneza: *“este simbolismo político significa mais ou menos isto: a Alemanha Ocidental pode bem extasiar-se com as festas que lhe permitem uma prosperidade extraordinária mas não poderá nunca esquecer nem fazer esquecer que os seus dirigentes, por covardia ou por cumplicidade, são responsáveis pelos milhões de esqueletos que jazem sob as quermesses”*.

Luís Miguel Oliveira